

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Eliane Aparecida Andreolli

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

São Paulo/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Kelen Gracielle Magri Ferreira da Etec Carlos de Campos

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Elaboração do roteiro da pesquisa: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Local da entrevista: São Paulo (online)

Data: 18 de junho de 2022

Técnico de gravação: Não se aplica

Duração: 44 minutos e 25 segundos

Número de vídeos: 1(um)

Transcritor: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada para o programa “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza, dentro do projeto “Memórias do trabalho docente” no volume do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, para compor material para uma exposição virtual sobre a linha sucessória de diretores e para o artigo: “De Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: suas diretoras entre 1993 e 2004”, com a entrevistada Eliane Aparecida Andreolli, por este ter atuado como diretora da Etec Carlos de Campos – Centro Paula Souza. Site da exposição virtual: <https://kelenmagri.wixsite.com/diretorescaca>

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 03 a 17 de outubro de 2022

Nome da transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Kelen Gracielle Magri Ferreira (KGMF): Boa tarde! Eu, Kelen Gracielle Magri Ferreira, agradeço a você Eliane Andreoli por estar cedendo essa entrevista hoje, que é o dia 18 de junho de 2022, de maneira online para o Centro de Memórias é da Etec Carlos de Campos de São Paulo e que será difundida no Programa História Oral da Educação do Centro Paula Souza.

KGMF: Então eu gostaria de iniciar com a seguinte questão: eu peço que relate um pouquinho sobre a sua vida pessoal, onde nasceu a formação profissional, incentivos e família, como que tudo se articulou na sua vida para dar aula e iniciar e exercer a função de diretora lá na Carlos de Campos.

Eliane Aparecida Andreoli (EAA): Kelen, eu que agradeço a oportunidade e falar de educação é muito gostoso, e falar da Carlos de Campos, que é uma escola que eu, é lugar comum, a gente se falar “aprendi muito”, mas de fato aprendi muito, muito sobre muitas coisas. Bom, eu quando foi na ocasião da (...) eu sou nascida em São Paulo, sou descendente de italiano, família italiana, uma família de 5 irmãos. Por acaso todos estudaram e todos são professores, mas quem exerceu, quem de fato exerceu foram os 3 últimos: o Carlos, eu e o Eduardo, e por acaso os 3 lecionaram na Carlos de Campos. Bom, quando eu fui definir qual seria a minha carreira, eu pensei em Educação Física, pensei em Psicologia, mas por circunstâncias acabei prestando vestibular só na Belas Artes, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo e entrei e aí foi! Foi uma escolha muito feliz, eu nenhum momento depois eu questioneei sobre isso. Foi uma escolha definitiva na minha vida. Aliás eu costumo dizer assim que as 2 coisas importantíssimas na minha vida foi ter meu filho e ter feito a faculdade. Eu estudei depois, fiz mestrado, doutorado, mas a faculdade abre um universo na sua vida que é uma marca muito grande. E eu falo isso para os alunos, que eu acho que é uma experiência muito significativa na vida da gente, é fazer faculdade. Tem casamento, tem realização profissional, mas a faculdade tem essa marca. Bom, e aí fiz Artes Visuais, licenciatura em Artes Visuais, e ali no próprio processo da faculdade eu, já nos estágios, já me via enveredada a lecionar. Então eu assumo acho que a primeira turma em 82, logo que me formei, e de lá para cá é eu tenho lecionado. Então passei por várias escolas da rede pública, da rede privada, escola com mais recursos, com menos recursos. E aí cheguei no Cacá em 89 e comecei na disciplina de História da Arte e lecionei para o curso de Desenho de Comunicação e Decoração. Era o nome que tinha, agora acho que tem outros nomes, mas os nomes eram esses.

EAA: Em 92, a escola estava passando por uma transição, o Governo do Estado tinha uma questão da Escola Técnica, então é tinha umas atribuições e a diretora, se não me engano, a Telma Passarelli e teve um outro professor, o Roger também. Então eu sei que em 92, ali voluntariamente, eu fui ficar na direção. Fui cumprir prestar serviço voluntário mesmo, assim mais fácil, de coordenação pedagógica, mas ajudava a organizar material para os professores, reuniões, atender aluno, pai de aluno, coisas assim. E aí acabaram as aulas, saí de férias, por acaso eu viajei e quando eu voltei de viagem recebi a notícia então eu te que eu era a diretora da escola.

KGMF: Uma surpresa? E você já ajudava, era a Telma Passarelli então, que você era o suporte ali da diretoria antes? E quando voltou de viagem já voltou a diretora?

EAA: Exato, eu voltei, voltei de diretora, e aí foi uma experiência e tanto, porque como eu estava num momento muito particular da minha vida, eu pude me dedicar integralmente para a escola. Falo sem... não é vaidade, não é nada, mas foi de fato, aconteceu de algumas vezes, não vou saber bem dizer quanto, mas algumas vezes eu literalmente abrir a escola e fechar a escola, porque inclusive nós não tínhamos zelador na Escola. Depois que a gente fez a contratação do seu José, que ficou bastante tempo na escola, e você deve conhecer e tal.

KGMF: Acho que no comecinho, quando eu comecei a lecionar eles estavam por lá, usando aquela arezinha como zelador.

EAA: É, então, isso eu acho que nós contratamos, ele, olha sei lá (...) não vou saber precisar direito, mas foi um demorou um tantão de tempo. E ainda não... e a minha gestão pegou justamente a transição da Secretaria do Estado para a Secretaria de Tecnologia pela Paula Souza. Então nós éramos vinculados, então a Escola Técnica era vinculada à Secretaria do Estado da Educação e, naquele momento, passava para a Secretaria de Tecnologia. Foi uma transição assim, fenomenal para a gente.

KGMF: É, essa transição ela é superimportante enquanto você era diretora, esteve ali na Carlos de Campos, se você puder contar um pouquinho dessa diferença tão importante. A gente fica até na dúvida, como que será que era antes de ser Centro Paula Souza e depois? Como será que era?

EAA: Primeiro, assim eu não sei quantas coisas a gente pode indicar, mas a Carlos de Campos sempre foi Patrimônio Histórico, foi uma escola tombada, e isso tanto a Secretaria da Educação tinha essa consciência, como o Centro Paula Souza. Mas, assim, o que muda é são mais as questões administrativas, então para começar os professores passaram a ter carteira profissional assinada. Carteira Profissional assinada, então ali no registro profissional tinha as férias, a diferença, o aumento de salário. Tudo da vida funcional passava a ser registrada na carteira profissional o que antes não era, porque antes você era a atribuído aula na própria Escola, a Escola fazia uma documentação, encaminhava para Delegacia de Ensino, diretoria de ensino e ela que encaminhava a Secretaria de Educação para fazer um procedimento. Então a primeira coisa acho que foi isso: essa mudança assim de ter carteira profissional. Eu estou, como eu falei por acaso eu já tinha, porque eu já lecionava na faculdade, já tinha passado pela rede privada.

KGMF: Os professores que estavam lá eles passaram por essa transição então, eles tiveram que assinar carteira, tudo reconhecido. Eles devem ter ficado muito felizes também nesse momento, não é?

EAA: É, você sabe que mudança a gente vê com dois pés, assim meio um para a frente e o outro para trás. Sem saber o que o que que ia acontecer, a gente tinha receio, o quanto que eles poderiam intervir na escola, se a mudar a metodologia, mas felizmente isso não aconteceu.

KGMF: Ah, que bom.

EAA: Eu acredito até que as mudanças foram só positivas. Eles tinham uma maneira diferente de pensar que a gente teve que se enquadrar, mas eu hoje, pelo menos hoje da minha lembrança, só lembro de coisas positivas.

KGMF: Ah, que bom.

EAA: E não é porque o vídeo é para eles não. Então nós tínhamos os profissionais da Secretaria Escola, mas tinha umas funções muito atribuladas, assim porque eles também

cuidavam tanto da vida do aluno quanto da vida do professor. E isso a Paula Souza já fez essa distinção, então aí a escola passa a ter o departamento de RH, acho que RH fala mesmo.

KGMF: Agora está como Diretoria de Serviços, quem cuida, mas deve ter passado por vários nomes.

EAA: Não, é isso aí, Diretoria de Serviços.

KGMF: Ah, iniciou assim então?

EAA: Até quem foi contratada foi a Eliane Leite, que hoje é diretora de outra escola, e ela assume ali como Secretária e a Geane assume a Diretoria de Serviços, porque além da RH (é por isso agora que eu estou lembrando) porque além do RH ela também cuidava da questão patrimonial, a questão de serviço, de compras. Então o recurso financeiro era a função da Geane, era quem administra essas questões. Então e isso para a gente era novidade. Por ser novidade, nós tivemos que adaptar esse espaço físico, então a gente dividiu a Secretária para acomodar Geane, porque a Geane precisava ter uma sala porque ela ia ter que entrevistar gente, ela ia ter que conversar. Tinha particularidades que tinham que ser numa sala reservada, então aí você vai pensando em todas as situações.

KGMF: Sim, tudo o que movimentou isso na escola, não é?

EAA: Isso, nós estamos falando do ano de 94. E, então essas questões pedagógicas, administrativas, então essa transição foi trazendo essas situações e nós tínhamos então reuniões periódicas. Era uma coisa bacana porque a gente tinha reunião com os outros diretores das etecs, inclusive, a gente tinha um grupo de diretores e um apoiava o outro. Um cedia professor para o outro, um quando vinha uma demanda – “como é que você fez? como é que você não fez?” - a gente tinha um grupo bacana porque a gente se encontrava periodicamente por determinação da Paula Souza e com isso a gente desenvolveu esse grupo. Não tinha WhatsApp naquela época. (risos)

KGMF: Mas vocês se ajudavam, né? Importante! Interessante isso! Tem um professor aqui que se estou precisando de tal coisa, enfim vai trocando entre as escolas.

EAA: Vamos trocando de professores e como informações, porque acho que assim uns 60% da vida do diretor de escola é muito burocrática. É responder informações, relatórios, então tinha essa questão que um apoiava o outro. Um pouquinho antes, eu acho assim que eu posso me envaidecer um pouquinho de falar é que antes da gente passar para a Paula Souza, assim que eu assumi a direção uma coisa que eu implantei, é da gente ter reuniões periódicas com os coordenadores de curso e com os nossos... nós elegemos, fizemos a eleição em cada classe e depois então os representantes de cada classe. Então eu tinha um momento que eu falava com os professores e que tinha um momento que eu falava com os alunos.

KGMF: Olha que legal, entendia os dois lados ali, né?

EAA: É, assim sempre foi marcado por uma gestão democrática. É claro que nesse íterim teve gente que gostou mais, teve gente que gostou menos. Eu acredito até que assim a facilidade de ter conquistado essas coisas é porque as pessoas sabiam quem eu era. Eu tinha vindo dali da sala dos professores, só mudei e eles que me escolheram. Então foi uma circunstância assim, mas foi muito bacana, e inclusive a semana do Cacá a gente fez uma semana do Cacá muito bacana mesmo. Eu lembro que eu trouxe, eu falo que eu trouxe porque entre as coisas que eu fiz foi buscar uma parceria com o Itaú Cultural que era uma coisa nova. A ação da cidadania que era um projeto que eu nem sei se ainda existe, mas era um projeto

Betinho, o irmão do Henfil, que fazia arrecadação de comida. Aquilo era novo naquela ocasião e essas foram as minhas incumbências.

KGMF: Você também trabalhou como as frentes ali para a comunidade, arrecadar comida, coisas da escola vinculando a ações para a Comunidade.

EAA: Na Semana do Cacá.

KGMF: A Semana do Cacá é a do aniversário em setembro?

EAA: Isso. Não sei se ainda chama assim.

KGMF: É só para ter uma ideia assim já se comemorava ali também essa semana.

EAA: Ah, sim. Isso antes deu entrar já tinha sempre tinha sim. E era uma coisa importante justamente por isso porque a gente se pergunta, experimentava coisas. Eu lembro ainda com a memória bem fresquinha, a turma de Nutrição fazendo farinha de beterraba, farinha de cenoura. Foi muito foi muito gostoso, a Semana do Cacá era muito gostosa, passa a ser essa vitrine dos próprios cursos. A Paula Souza não mexeu na questão pedagógica, ela não mexeu.

KGMF: Deve ter sido mais no estrutural, ali né que eles devem ter atuado mais.

EAA: Isso, uns cursos prosseguiram e aí pelo contrário acho que a gente teve um pouco mais de recurso e fomos atendendo às demandas dos cursos. Fomos organizando né cada curso a gente tinha uma prestação de conta, a APM também funcionou bem bacana. O Conselho de Escola nós tivemos 2 situações bem delicadas, que nós tivemos que chamar o Conselho de Escola para resolver. Inclusive, é isso que eu queria lembrar, porque eu acredito até que o vínculo com a Secretaria da Educação permaneceu, porque eu lembro justamente nessas situações que eu estou descrevendo do Conselho de Escola, eu lembro da participação do Supervisor de Ensino que ele foi fundamental também para... Porque foram 2 situações bem delicadas mesmo: uma questão com uma aluna de Enfermagem e outra questão que me envolvia também numa questão administrativa com uma funcionária.

KGMF: E aí chamava-se esse Conselho para atuar na discussão dessas questões?

EAA: É, o Conselho de Escola é uma herança da Secretaria da educação porque eu acredito que ainda exista um conselho eleito, que tem a representação de professores, de alunos, de funcionários. É um de cada grupo assim, então do pai, do aluno, do professor, da direção. Então toda a comunidade escolar é representada nesse conselho. E como, como eram situações delicadas, era o conselho que tinha que deliberar. E foi o que aconteceu no caso da aluna de Enfermagem e nessa outra situação aí com a funcionária que me envolvia diretamente. E o supervisor de ensino foi muito, foi muito bacana. Então a gente teve uma participação... a experiência foi assim mesmo, passando pela questão administrativa, pedagógica e eu procurava me envolver mesmo. Fazia a visita, depois Seu José quando assume a escola, ele passa a ser um braço direito, porque ele acompanha a escola, ele vai melhorando o jardim, vai fazendo manutenção da escola.

KGMF: Ele vai fazendo melhorias?

EAA: Melhorias de material de carteiras, essas coisas sempre foram estragando né passando tempo, mal uso e tal e Seu José foi organizando isso. Foi organizando cada cantinho da Escola. Seu José foi pondo em ordem mesmo.

KGMF: Muito legal. Antes de eu entrar numa pergunta eu vou entrar numa pergunta bem específica dessa área ali da zeladoria, porque até aproveitando que foi ali que não sei acho, que ele ocupou aquela área, mas antes de entrar nisso aproveitando que você já comenta um pouquinho. Dos desafios quais foram talvez os maiores desafios e as contribuições você também já comentou um pouquinho de algumas contribuições, mas talvez até pensar o qual foi a maior contribuição no seu olhar e qual foi o maior desafio, aquilo que se fala “Nossa isso realmente marcou e foi desafiador para mim como diretora na época”.

EAA: Olha, eu acho que o maior desafio foi assumir mesmo.

KGMF: Foi assumir a direção. (risos)

EAA: Na prática sim você na prática você... Ah, tanto que foi nesse decorrer que eu comecei a cursar... a não mentira eu ia falar ia falar uma mentira, não, na verdade eu pude assumir o cargo da direção, porque eu também era habilitada.

KGMF: Tem cursos, não é?

EAA: É, exato, eu tinha feito a graduação, mas assim que eu acho eu assumi as aulas no Caca, em frente tinha uma outra faculdade, a Carlos Pascoale, que habilitava então a gente fazer um curso de complementação pedagógica, e você então estudava e poderia futuramente gerenciar escola, que foi o que aconteceu. Mas então, quando você estuda você tem na teoria é uma coisa, mas na prática. Eu lembro de ter feito uma reunião de pais e minha perna estava veio que tremendo. Eu não sei se pelo vídeo você percebe, mas eu tenho uma estatura baixa então tem esses detalhes. (risos) No auditório tem que engrossar a voz e falar firme, mas eu acho que meus anjos sempre me ajudaram. Eu acho que um pouco desse desafio também foi nessa questão, como eu te falei, os professores me elegeram. Foi um comum acordo, eu não estava presente porque eu estava, até como eu já falei, estava viajando. Eu acredito também que eles pensaram, porque eu como sou muito sorridente, como você está vendo, mas talvez que eu fosse frágil e que eu não conseguiria assumir por inteiro. Mas eu acho que ele ser surpreenderam um pouquinho, porque uma vez que eu vesti a camisa, eu passei a ser diretora. Então acho que aí teve alguns momentos que eu tive que falar como diretora, tive que dizer: “olha, como eu te falei, a gente faz e eu implantei esse vínculo com os coordenadores de curso, e cada vez a gente tentava priorizar um curso.” Então a Enfermagem escolheu que queria não sei o que então a gente tentou, aí está possível de conseguir vamos fazer Enfermagem, bom agora é a vez de Edificações... e a gente ia fazendo isso. E às vezes tinha curso que falava “não”, que criava alguma situação. Assim, mas não grandes problemas.

KGMF: Essa administração dos cursos, até conversando com outros diretores, é uma questão que sempre teve, não é? Pelo que eu estou vendo assim, sabe, um pouquinho, cada um quer ter um espacinho ali na escola, quer ter uma voz, quer ter ... e aí a gente vê que realmente dentro né a gente sempre vê que os diretores vão tendo esses desafios e tendo que contornar, não é?

EAA: É, tem que ter esse jogo de cintura. Claro que por ocasião o coordenador ficar mais bicudinho, não é? O filho que não conseguiu o que queria... E também, exato, acho que dar disciplina também os alunos que, talvez tinha algum problema ou outro, e aí que Seu José também me ajudava nisso. Às vezes uma rodinha que estava lá tomando alguma decisão inadequada, Seu José pelo jeito dele conseguia dissipar, outras vezes não. Mas, eu acho que o Carlos de Campos naquela ocasião as coisas eram muito viscerais ainda, acho que as pessoas estavam muito comprometidas. Tinha esse senso de pertencimento, que hoje eu ouço dos colegas falando, parece que não tem mais isso. Não sei. Não estou na escola mais para saber, mas naquela época tinha uma cumplicidade entre todos. Entre os professores, os alunos e todos queriam bem da Escola, então podia divergir na opinião, mas estava lá pelo

bem da escola. Então acho que isso era bastante prioritário. E a Semana do Cacá era importante porque mostrava tudo isso, mostrava esse justamente esse vínculo dos alunos com os professores e a dedicação e tal.

KGMF: Não, não. Excelente, é um relato muito bacana assim nesse momento não é que você viveu lá na Carlos de Campos. E aí só para confirmar e, também deixar registrado. Desde 89, você começou a atuar como professora aí passou para a diretora, em 1993, e saiu em 1995. Aí saiu da Carlos de Campos ou só deixou o cargo de direção? Como que foi essa etapa da conclusão do cargo?

EAA: Então, na verdade meu filho nasceu, e aí eu já sabia que eu não ia poder me dedicar do jeito que eu estava me dedicando. E como eu estava lecionando já na Belas Artes, quer dizer já, desde 89, eu estava na Belas Artes, mas aí também aumentaram as minhas aulas na Belas Artes. Então eu priorizei ficar com meu filho e a faculdade, aí eu pedi demissão.

KGMF: Até 1995. E assim, para você o que que significou a Carlos de Campos nesse período que esteve lá e que atuou tão firmemente, com tanta intensidade?

EAA: Olha, Kelen parece lugar comum a gente falar essas coisas, mas a Carlos de Campos justamente me testou mesmo como pessoa, como mulher, porque claro que eu via a desconfiança de alguns professores homens (risos). Algum discurso de uma baixinha com cara de menina sim e querer questionar a autoridade dele, o conhecimento dele. Então como pessoa e como mulher, eu acho que foi fundamental na minha vida, porque eu tive que me assumir como “eu estou aqui, eu tenho essa responsabilidade e eu tenho que fazer o melhor pela escola”. Então era o meu compromisso e eu não podia me intimidar por essas situações. Tem coisas até pitorescas, de eu entrevistando, tinha uma função do Carlos de Campos, tem uma história bem pitoresca, que depois se der tempo eu te conto. Então eu acho que como pessoa, como mulher enfatizar isso: eu acho que a escola me trouxe isso, a minha prática tinha que ser bem firme, e claro que isso me assegurou uma segurança pessoal, que eu levei e estou trazendo isso até hoje. Em que em outros momentos da minha vida como professora eu poderia ser frágil e deixar essa fragilidade ocupar um espaço maior, ali naquele momento eu não podia, porque a gente teve várias situações. Nós tínhamos uma situação delicada que a gente era furtado na escola, a gente não tinha furtos. Eu estive na Delegacia de Polícia acho que 2 ou 3 vezes. A gente era furtado maçaneta aqueles (...) de parede, fomos furtados de torneira. Eram furtos, assim bobos, mas era patrimônio da escola, e eu tinha que prestar conta daquilo. Então eu estive a delegacia umas duas ou três vezes. Não cabe dizer quem era, mas a gente sabia quem seria.

KGMF: Não era assim coisa de aluno que daí de repente dava para saber? É, eu acho que são vários desafios mesmo e principalmente acho que até nesse ano que no Centro Paula Souza, a gente está trabalhando bem essa questão da mulher mesmo. Ser mulher naquele momento como diretora, eu acho que todos esses desafios são engrandecedores, tanto para a escola, quanto acho que como pessoa, e tudo o mais não é?

EAA: É, então ou eu cedia e me sucumbia de vez não deixava. Se eu permitisse os coordenadores mesmo sendo meus amigos iriam ludibriar e aqueles que não eram amigos eles iam mesmo se posicionar. Então, eu tive que ser firme por muitos momentos ali, e isso é uma experiência que eu trouxe para a vida. Ali, como eu estou te falando, eu acho que eu entro ali como uma... eu já tinha alguns anos de formada, mas ainda estava nesse vislumbre da educação. E ter essa oportunidade de trabalhar ali foi muito bacana, porque os alunos eram diferentes das outras experiências que eu tinha. Porque nas outras, eu dava aula de Artes, que na ocasião chamava Educação Artística, mas eram um pouco comprometidos, aí você entra na Carlos de Campos e como eu falei, a minha disciplina História da Arte a gente fazia trabalhos incríveis e isso todo professor tem interesse quer aluno motivado e eles eram

motivados. Ah, e tinha um detalhe, que a gente não tinha internet. Tinha internet, mas não para você usar na sala de aula, você não tinha esses recursos tecnológicos. Então os slides a gente projetava no projetor de slides, e não e eu tinha e ainda tenho que eu ainda não achei um fim digno para esses slides, mas eu trabalhava mesmo era com os livros. Então a projeção da imagem os alunos tinham, eu falava de uma obra de arte a reprodução que ele estava vendo era no livro. E eu carregava aqueles livros às vezes do metrô até a escola, andava muito e carregava os livros e até era magrinha nessa época. Depois disso nunca mais. Eu tinha que caminhar bastante, carregar bastante. Mas, mesmo assim a gente tinha os alunos, eram muito interessados, eles faziam provocações e essas aulas eram muito dinâmicas. Então isso foi de 89 a 92 e de 92 como te falei aí a experiência de diretora me permitiu ser uma mulher mais definida, mais segura.

KGMF: Nossa! Sim. Acho que deve ter tido uma transformação ali também e ser mãe, né?

EAA: Ah, sim e aí eu realizo o meu sonho que eu já estava ali virando a curva e ainda no não era mãe. Aí eu passei a minha gestação ali na escola, foi muito bacana mesmo. E, também, porque eu tive apoio das colegas de Nutrição.

KGMF: Ah, que legal! Ali tem todo suporte com relação a isso.

EAA: ...de Enfermagem, mas principalmente a Clara que eu sei que ela ainda está na escola. Eu vi recentemente foto dela. E a Clara fez uma prescrição nutricional para mim que eu segui a risca daí meu filho nasceu lindo e maravilhoso. O apoio, foi o apoio de todos ali... E a cozinha era um charme que eu tinha muito carinho pela cozinha da nutrição. A gente desenvolveu várias coisas ali.

KGMF: O espaço do seu José ali, o que tinha antes? Quando ele assumiu era ali perto do acesso, quando entra pro lado esquerdo, tinha uma arezinha dele. O que tinha ali antes?

EAA: Se não me engano era um arquivo. Isso que eu queria comentar aqui e tinha um senhor que trabalhava ali que ele fazia a função, ele não era propriamente zelador. Porque o papel de zelador, isso é importante, o papel do zelador também veio pela Paula de Souza. Essa vaga de zelador veio pela Paula Souza. Nós tínhamos esse senhor, que eu não vou me recordar o que aconteceu, mas ele era completamente diferente do Seu José e a gente não chegou a ter muita afinidade. Eu acho que eu não cheguei a trabalhar com ele, eu não sei se ele saiu ou se ele partiu. Eu não tenho isso na memória muito claro. Mas aí o senhor José, não, teve entrevista, teve toda essa questão de ele ser contratado. E aí o senhor José assume e aí era como falei o arquivo acho que a gente organizou, remanejou ali e aí ele assume ali a casa e ele traz a família. A Fernanda e a Patrícia, as filhas dele, a Helena que também dá suporte. A gente trocava essas figurinhas e aí a Patrícia é uma das filhas também veio secretariar, me secretariou por um tempo ali na direção.

KGMF: Olha, muito bom! Bom saber como que se desenrolou tudo isso, como foi com a Paula Souza. Eu acho que para finalizar, professora, qual seria a sua mensagem aí para a posteridade para a escola só para gente finalizar e fechar e ficar aí com a lembrança também da sua atuação na escola.

EAA: Poxa vida! Olha, Kelen é o te digo né, eu não sei, hoje eu tenho até outra profissão, mas eu não sei como seria a minha vida se eu não fosse educadora. Eu costumo dizer, eu falo isso, eu trabalho com formação de professor, então eu sempre falo que do mesmo jeito que eu sou uma mulher de estatura baixa, eu sou educadora, porque isto é ser não é estar. Eu estive professora, eu estive diretora, mas eu sou educadora. Eu gosto muito da educação, acredito na educação, lastimo o momento que a educação está, e na medida das minhas possibilidades eu oriento, procuro palpitar e mostrar que há outros caminhos que não há esse

que está em vigor. Mas a minha mensagem é isso, que eu acho que a educação é fundamental, e é fundamental para qualquer país que se queira desenvolver. Isso nós não estamos falando de questão financeira, nós estamos falando de questão de pessoas, é completamente diferente uma pessoa que é instruída, que é que tem cultura. Então a educação é fundamental. Então acho que de mensagem é isso, que as pessoas precisam tomar ciência de que a educação é fundamental para um país ser desenvolvido. Não tem outra alternativa não tem por que, qualquer médico passa pela educação a qualquer advogado qualquer ou qualquer outro profissional passa pela educação. E a gente precisa se unir. É um é um trabalho comunitário que todo mundo tem que se unir para que as escolas voltem a ter o respeito, voltem a ter o compromisso que teve em décadas passadas. Isso é fundamental. Isso é um trabalho de todo mundo não é só o pai que tem filho na escola pública ou particular, não é isso, é um compromisso de todo mundo porque todo mundo está vinculado a isso. Nós somos atendidos no posto médico é um profissional (...)

KGMF: Então professora, assim para a gente finalizar a nossa entrevista aqui já agradecendo também, qual que seria a sua mensagem para a escola a mensagem final aqui que você gostaria de deixar aqui para escola desse período de diretora que contribuiu tanto também para o desenvolvimento nesse momento de transição da escola também, qual seria a sua a sua mensagem?

EAA: A minha mensagem é assim no sentido de valorizar a educação. Eu acredito na educação. A educação como solução de todos os problemas, todos. Porque inclusive eu acho que quando o povo é educado é possível de diminuir preconceitos, é possível de administrar o respeito às divergências. E como todos os nossos problemas principalmente hoje, a gente percebe que o maior problema do relacionamento está vinculado justamente a falta de educação no sentido de conhecimento. Então, são situações assim que, você escuta uma notícia, e você não averigua com qualidade, então você fica só naquela informação mais basal. E não percebe as sutilezas e as problemáticas que envolvem aquilo. Então quando se é educado, quando você tem um senso crítico desenvolvido, você consegue administrar melhor todas as problemáticas, de saúde pública, de economia, tudo ali vinculado. E eu acredito, pode ser um sonho, mas eu acredito que um povo educado é fundamental para um país desenvolvido. Você observa os países mais desenvolvidos, você vai ver a base da educação ali e curiosamente nesses países mais desenvolvidos economicamente, melhores, com melhores resultados no seu PIB, você vai ver que a educação é a mesma do pobre do rico. Eles estão presentes tanto o pobre quanto o rico estão na mesma escola. Então isso faz a educação porque as oportunidades vão surgir naturalmente.

EAA: Então que todos envolvidos nessa comunidade escolar se sentam felizes agraciados de estarem numa escola que tem uma história e tanto. Acho que isso é fundamental eu como historiadora, valorizo muito a questão histórica e, também, porque pela história se a gente observar a gente vai reparando também que a gente pode aprender com os erros. A gente pode, não precisa repetir os mesmos erros, a gente pode descobrir outros caminhos então a minha mensagem é essa. A educação é prioritária, tem que ser prioritária, primordial e ela é construída numa comunidade. Não tem nenhum diretor, que eu faço uma escola, não tem um aluno que faz a escola e nem o professor, então precisa de todos, não é? Toda essa comunidade escolar que constitui a escola e é por ali é o caminho que você abre para as portas profissionais, para o desenvolvimento do país. Eu só tenho a agradecer, agradecer a oportunidade de estar aqui falando um pouquinho desse pedaço tão importante da minha vida e você Kelen, de se dedicar a esse tema e priorizar o Carlos de Campos, que é realmente o nosso Cacá!

KGMF: Ah, com certeza, que mensagem bonita, professora! Muito obrigada, agradeço imensamente a sua contribuição pró ativamente, que também de querer contribuir com a história da escola, independente de projetos e tudo mais, eu acho que é importante a gente

retomar isso que a Senhora falou mesmo retomar a nossa a nossa história, para a gente realmente entender como foi para a gente não cometer erros e poder fazer uma educação melhor mesmo. Entender pela história, entender pelos fatos, entender para conseguir melhorar, enfim e envolver alunos, professores, nessa história que tem tanta coisa bonita, não é? Então agradeço muito a sua participação e enfim a gente da escola e do Centro Paula Souza fica muito feliz aí de poder ter contado com a sua contribuição com a sua entrevista, tá bom?

EAA: Eu que agradeço.

KGMF: Muito obrigada!

Descritores

História Oral na Educação

Memórias do Trabalho Docente

Centro de Memória

Kelly Gracielle Magri Ferreira

Eliane Aparecida Andreolli

Educação Profissional

História da Educação

Diretores

Gestão Educacional

Etec Carlos de Campos

Técnico em Desenho de Comunicação

Técnico em Decoração

Artes Visuais

Psicologia

Educação Física

História da Arte

Coordenação Pedagógica

Coordenação de curso

Secretaria Acadêmica

Diretoria de Serviços

Itaú Cultural

Ação da Cidadania

Técnico em Nutrição e Dietética

Técnico em Enfermagem

Semana do Cacá

Conselho de Escola

APM

Furtos

Delegacia de Polícia

Técnico em Edificações

Tombamento

História da escola

Dados Bibliográficos da Entrevistada



Eliane Aparecida Andreolli - Doutora em educação pela UNIMEP (2015). Mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é professora universitária, pesquisadora do grupo Laboratório de Arte Educação e Diferença - LEAD e desenvolve projetos de arte/educação, formação continuada em arte, história da arte, arte e deficiência e problemas de aprendizagem na Hortelã Ações Educativas. Representa o estado de São Paulo pela Federação de Arte Educação do Brasil - FAEB, foi diretora financeira na mesma federação no período de 2019 a 2021. É conselheira consultiva na Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Deficiência - APADE. Tem experiência nas áreas de Arte, arte/educação, pedagogia e Comunicação Social, com ênfase em metodologia do ensino da arte/educação, comunicação visual e História da arte, educação e legislação. Atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão social, arte-educação, pessoas com deficiência, leitura de imagem, História da Arte, e leitura infantojuvenil.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Kelen Gracielle Magri Ferreira nasceu em São Paulo/SP. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2004) e em História Pela Universidade Nove de Julho (2020). Graduação em Edifícios pela Fatec-SP (2003), especialização em Design de Interiores no SENAC-SP (2015), Curso Técnico em Edificações no Instituto Federal de SP (1998) e Curso Técnico em Design de Interiores na Etec Carlos de Campos (2005). Atualmente é professora de projeto na Etec Carlos de Campos (desde 2009) e arquiteta no Banco Itaú-Unibanco (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas linhas de educação, com formação pedagógica pelo Centro Paula Souza (2016) e em gestão de projetos, com certificação PMI. Atualmente cursa Mestrado em Arquitetura, Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/9647062280871723>

Anexos (documentos sigilosos e não público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Eliane Aparecida Andreolli

Termo de Autorização para uso de Imagem de Eliane Aparecida Andreolli